Desenvolvimento da forma infantil em português do Inventário de ansiedade traço-estado de Spielberger*

ANGELA MARIA BRASIL BIAGGIO**

1. Introdução; 2. Verificação da adequação da tradução; 3. Consistência interna; 4. Estabilidade temporal; 5. Validação; 6. Conclusões.

Depois de completar a adaptação da versão em português do Inventário de ansiedade traço-estado de Spielberger (forma para adultos), foi feita a adaptação da forma infantil desse teste.

Foram seguidos os mesmos passos utilizados com a forma adulta, isto é, verificação da tradução pela testagem de sujeitos bilíngües, item-restante e KR–20 para verificação da consistência interna, e teste-reteste para estabilidade temporal. A validade foi verificada por meio de correlações com avaliações feitas por professores da criança e aplicadores de testes (validade de critério), e por contrastes entre escores obtidos em situações (provas escolares e sala de espera de dentista).

Em geral, os dados de fidedignidade e validade não foram tão altos quanto os da forma para adultos, porém são adequados.

A padronização foi feita com 842 meninos e meninas de 4.ª, 5.ª e 6.ª séries do Rio de Janeiro.

* Este trabalho foi realizado com bolsa de pesquisador do CNPq, concedida à autora. Participaram desta pesquisa as bolsistas do CNPq (Iniciação científica): Maria Margarita Cueva, Silvia Cosac, Lucia Correia Batista, Selma Cintrae a aluna da PUC/RJ, Marcia Scheiner Etchegoyen. A autora agradece também a colaboração do Professor Rolf Preuss, do Departamento de Psicologia da PUC/RJ, na análise de dados por computador. (Entregue à redação em 29.10.79.)

** Do Departamento de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC/RJ.

1. Introdução

Após ter completado o processo de tradução, validação de tradução pelo método de sujeitos bilíngües, cálculos de fidedignidade tipo teste-reteste e consistência interna (KR-20 e item-restante): validação do constructo e estabelecimento de normas para a população brasileira do Inventário de ansiedade traço-estado de Spielberger, Gorsuch e Lushene (1970), cujo manual em português será publicado em breve pelo Centro Editor de Psicologia Aplicada, e a respeito do qual foi publicado artigo (Biaggio, Natalício e Spielberger, 1977) neste periódico, partimos para o desenvolvimento da adaptação para o português da forma infantil do teste, uma vez que houve inúmeras solicitações neste sentido.

O conceito desenvolvido por Spielberger (1972) distingue ansiedade como um traço estável, crônico, na personalidade, e como um estado transitório, sujeito a flutuações, diante de situações mobilizadoras.

Evidência abundante a respeito da validade e fidedignidade do Inventário de ansiedade traço-estado e do Inventário de ansiedade traço-estado para crianças consta dos respectivos manuais (Spielberger, Gorsuch e Lushene, 1970) e (Spielberger, Edwards, Lushene, Montuori e Platsek, 1973).

No desenvolvimento da forma infantil em português, objetivo deste projeto, como fase preliminar, a tradução feita pela autora foi avaliada por cinco psicólogos bilíngües e um tradutor-intérprete inglês-português, que consideraram as traduções de todos os itens satisfatórios (julgadas numa escala bipolar: satisfatório-insatisfatório).

2. Verificação da adequação da tradução

As escalas em português e em inglês foram então aplicadas a 50 sujeitos bilíngües, crianças da 4.ª, 5.ª e 6.ª séries da escola americana Our Lady of Mercy, no Rio de Janeiro. Embora as escalas tenham sido aplicadas às turmas integrais, foi pedido às professoras que descartassem os testes das crianças não-bilíngües.

A lógica da testagem de sujeitos bilíngües para validação da tradução reside em que, se a tradução estiver adequada e os sujeitos forem realmente bilíngües seus escores na forma em inglês serão aproximadamente os mesmos que na forma em português, obtendo-se correlações positivas e significantes entre os escores obtidos em uma forma e em outra. Este processo foi utilizado na tradução da forma adulta para o português, bem como na tradução do teste para várias línguas entre as quais o espanhol, o hindi etc.

Na referida escola, obteve-se um total de 21 meninos e 29 meninas bilíngües que fizeram o teste duas vezes, uma em português, outra em inglês, com um intervalo de 15 dias. Para evitar efeitos de ordem de apresentação, metade de cada turma fez primeiro a forma em inglês, depois a forma em português, e a outra metade fez o inverso.

A tabela 1 apresenta os coeficientes de correlação de Pearson e respectivos níveis de significância obtidos para o total de sujeitos da 4.ª, 5.ª e 6.ª séries.

Tabela 1

Correlações entre escores em português e em inglês por sujeitos bilíngües de 4.ª, 5.ª e 6.ª séries, nas escalas de ansiedade-estado e ansiedade-traço

		Masculino	Feminino	Total
Estado	*r*	0,4266	0,4541	0,4200
	e. p.	0,027	0,005	0,001
	n	21	32	53
Traço	*r*	0,4757	0,6529	0,6030
	e. p.	0,015	0,001	0,01
	n	21	32	53

Considerando o tamanho relativamente pequeno da amostra, devido à dificuldade de se encontrar crianças realmente bilíngües, podemos considerar estes coeficientes de correlação como razoavelmente satisfatórios. Tomando-se a amostra total (21 meninos e 29 meninas, da 4.ª, 5.ª e 6.ª séries), vemos que os coeficientes para a escala de *traço* (0,47 para meninos e 0,65 para meninas) são significantes aos níveis de 0,01 e 0,001, respectivamente. Para a escala de *estado*, os coeficientes de 0,42 (para meninos) e 0,45 (para meninas) são significantes ao nível de 0,02 e 0,005, respectivamente. Tendo em vista a própria natureza da escala, que mede ansiedade como um estado transitório, não se poderiam esperar coeficientes muito altos, uma vez que a escala não tem, por definição, estabilidade temporal alta, devendo ser sensível a flutuações no nível de ansiedade. Concluímos, portanto, que se, apesar disso, os coeficientes obtidos para a escala de *estado* foram de tal magnitude e nível de significância, a tradução está adequada. (Lembramos que houve um intervalo de 15 dias entre as duas aplicações).

A tabela 2 apresenta as médias e desvios padrões dos sujeitos bilíngües do Rio de Janeiro na forma em inglês e em português, bem como da amostra de padronização original constituída por sujeitos norte-americanos monolíngües.

A semelhança dos dados obtidos na forma em inglês e em português, comparadas entre si, e com a amostra americana, também é indicativa da adequação da tradução, embora se notem algumas diferenças na escala do *traço*, atribuíveis a flutuações aleatórias e ao tamanho pequeno e atipicidade da amostra bilíngüe, que inclui crianças brasileiras, norte-americanas e de diversas nacionalidades que freqüentam esta escola americana no Rio de Janeiro.

Para uma análise mais apurada da adequação da tradução, passou-se ao cálculo dos coeficientes de correlação entre cada item em inglês e seu correspondente em português, pois, como o escore em cada item pode variar entre 1, 2 e 3, os mesmos

Tabela 2

Médias e desvios padrões da amostra bilíngüe do Rio de Janeiro (forma em inglês e em português) e da amostra americana de padronização

		Amostra bilíngüe				Amostra americana	
		Forma em inglês		Forma em português		Forma em inglês	
		M	F	M	F	M	F
Estado	$\bar{X}$	30,67	30,56	31,28	30,25	31,0	30,07
	d. p.	5,16	6,25	11,08	7,15	5,71	6,01
	n.	21	32	21	32	817	817
Traço	$\bar{X}$	35,28	39,19	32,47	36,87	36,7	38,0
	d. p.	7,32	6,59	9,24	8,70	6,32	6,68
	n.	21	32	21	32	737	737

escores totais poderiam ser obtidos com padrões diferentes de resposta a cada item. Os itens que revelarem índices baixos, além de apresentarem baixos índices de correlação item-restante (índice de consistência interna do teste utilizado para análise de itens) foram posteriormente substituídos.

Os trabalhos iniciais de verificação da correlação entre escores na forma em inglês e escores em português, por parte de sujeitos bilíngües, revelaram correlações satisfatórias quanto a escores totais, porém as correlações entre escores em cada item em inglês com seu correspondente em português, bem como os cálculos de consistência interna (correlação item-restante) revelaram deficiências em alguns itens.

Após consulta pessoal com o Dr. Charles D. Spielberger, autor do teste na Universidade de South Florida, em setembro de 1977, foi preparada uma segunda forma da tradução, substituindo-se os itens problemáticos. Notou-se maior dificuldade em encontrar traduções adequadas para itens de conteúdo positivo, tais como *I feel good, I feel well, I feel nice*, para os quais parecia haver menor gama de vocábulos na língua portuguesa. Foram então testados alguns itens, cujo sentido não fosse tradução literal do inglês, mas que também tivessem conotação positiva, por exemplo *Sinto-me bem-humorado, Sinto-me contente* etc. Caso as propriedades psicométricas (consistência interna) desses itens fossem satisfatórias seriam incorporados ao teste.

A segunda forma da tradução do teste ficou com 21 itens para a escala de ansiedade-estado e 24 para a de ansiedade-traço, pretendendo-se descartar os menos adequados.

Esta forma foi aplicada em 21 sujeitos bilíngües, alunos da Escola Americana do Rio de Janeiro, procedentes da 4.ª, 5.ª e 6.ª séries, cujos pais deram permissão individualmente para seus filhos participarem da pesquisa.

As médias e desvios padrões dessa segunda amostra bilíngüe são apresentados na tabela 3.

As correlações entre escores em inglês e escores em português foram então calculadas para esta segunda amostra de sujeitos bilíngües, usando-se a segunda forma do teste. Os coeficientes de correlação são apresentados na tabela 4.

Tabela 3

Escores médios e desvios padrões por parte de sujeitos da segunda amostra bilíngüe ($N = 21$), na segunda forma experimental da tradução

	Inglês		Português	
	Estado	Traço	Estado	Traço
$\bar{X}$	31,38	37,95	33,67	44,00
d. p.	3,76	4,46	4,39	5,94

Tabela 4

Correlações entre escores totais na forma em inglês e em português, por sujeitos da segunda amostra bilíngüe, na segunda forma experimental da tradução

Estado	Traço
0,63 ($p < 0,01$)	0,56 ($p < 0,01$)

Vemos que as médias e desvios não estão muito discrepantes e que as correlações são bastante altas e significantes, principalmente em se tratando de uma amostra pequena, e de crianças. Os índices de consistência interna de cada item (correlação item-restante) foram também calculados.

3. Consistência interna

A consistência interna da forma em português foi ainda verificada com uma turma de 54 alunos brasileiros, não-bilíngües (uma vez que os bilíngües são necessários apenas para os cálculos de correlação entre escores em inglês e em português). Faz-se isto por suspeitar-se do grau de bilingüalismo das crianças, e por não se tratarem de crianças típicas brasileiras (as duas amostras bilíngües das escolas Our Lady of Mercy e Escola Americana se compunham de crianças brasileiras, norte-americanas e de diversas outras nacionalidades).

Os dados dessa amostra são apresentados na tabela 5.

Tabela 5

Correlações item-restante para amostra brasileira não-bilíngüe ($N = 54$)

	Estado		Traço
1.	0,11	1.	0,16
2.	–0,05	2.	0,65
3.	0,27	3.	0,37
4.	0,07	4.	0,48
5.	–0,25	5.	–0,07
6.	0,43	6.	0,15
7.	0,21	7.	0,06
8.	0,19	8.	0,36
9.	0,25	9.	0,19
10.	0,50	10.	0,62
11.	–0,01	11.	0,53
12.	–0,11	12.	–0,58
13.	0,37	13.	–0,36
14.	0,33	14.	0,28
15.	0,47	15.	0,34
16.	0,13	16.	0,46
17.	0,18	17.	0,48
18.	0,29	18.	0,25
19.	0,24	19.	0,23
20.	0,32	20.	0,07
21.	0,55	21.	0,36
		22.	0,05
		23.	0,72
		24.	0,52

Idealmente, a consistência interna de um item deve ser de 0,20 ou mais, porém salientamos que o Dr. Spielberger e eu utilizamos critérios mais rígidos (item-restante) do que o comumente usado (item-escore total). Para finalidade comparativa, os dados referentes à correlação item escore-total são apresentados na tabela 6.

Com base em todos os dados descritos anteriormente foram escolhidos os itens melhores para a escala de estado e os 20 melhores para a escala de traço (terceira tradução).

4. Estabilidade temporal

A fim de verificar a fidedignidade quanto à estabilidade temporal, o teste foi aplicado duas vezes, com intervalo de uma semana, em 20 alunos da 6.ª série de uma escola pública.

Tabela 6

Correlações entre cada item e escore total, para a amostra não-bilíngüe ($N = 54$) na segunda tradução experimental do Idate-C

Estado		Traço	
1.	0,32	1.	0,34
2.	0,12	2.	0,33
3.	0,39	3.	0,46
4.	0,12	4.	0,56
5.	0,11	5.	0,18
6.	0,55	6.	0,25
7.	0,24	7.	0,17
8.	0,32	8.	0,46
9.	0,35	9.	0,31
10.	0,59	10.	0,70
11.	0,21	11.	-0,24
12.	0,25	12.	0,28
13.	0,44	13.	0,20
14.	0,44	14.	0,28
15.	0,58	15.	0,38
16.	0,42	16.	0,23
17.	0,54	17.	0,29
18.	0,57	18.	0,39
19.	0,32	19.	0,32
20.	0,44	20.	0,21
21.	0,63	21.	0,47
		22.	0,19
		23.	-0,02
		24.	0,61

A tabela 7 apresenta as médias, desvios padrões e coeficientes de correlação teste-reteste.

Tabela 7

Estabilidade temporal

	Estado		Traço	
	1.ª vez	2.ª vez	1.ª vez	2.ª vez
$\bar{X}$	36,70	35,00	41,75	38,30
r		0,66		0,73

Vemos que a estabilidade temporal é bastante satisfatória. Esperava-se normalmente uma maior estabilidade para a escala de traço do que para a de estado, pois o objetivo desta é ser sensível a flutuações temporárias em ansiedade.

5. Validação

5.1 *Validação de conteúdo*

Sendo os itens traduzidos do teste original, e tendo-se obtido correlações satisfatórias entre escores obtidos por sujeitos bilíngües que fizeram a forma em inglês e em português do teste, a validade de conteúdo fica razoavelmente demonstrada.

5.2 *Validação de construto*

Apesar de muitos autores considerarem a consistência interna como evidência de fidedignidade, uma das maiores autoridades no assunto (Anastasi, 1977, p. 139), considera-a também como um índice de validade de construto (ou conceito). Assim, podemos dizer que o Idate-C possui razoável evidência de validade de construto.

Além disto, tentou-se verificar a validade de construto por meio da aplicação do teste em situações que logicamente provocaram ansiedade, tais como exames escolares, a fim de verificar se o teste seria sensível a estas flutuações em ansiedade. Cinco estudos foram feitos neste sentido, sendo três em colégio particular e dois em colégio público.

O paradigma geral consistiu em aplicar-se o teste nos alunos logo antes de uma prova, e com uma semana de intervalo em condições neutras, contrabalançando-se a ordem de aplicação: a tabela 8 apresenta as médias, desvios padrões e valores de *t* para os vários grupos.

Os resultados destes vários estudos são bastante inesperados, pois em algumas turmas não houve diferença significante entre a situação de prova e a neutra, enquanto nas duas turmas de 6.ª série a diferença ocorreu na escala de traço, mas não na de estado, como seria lógico esperar-se.

Pode-se especular a respeito disso: a situação de exame escolar não é tão ansiogênica para a criança brasileira, do Rio de Janeiro, onde proliferam os métodos modernos de ensino e uma certa facilidade na avaliação e promoção. A sociedade americana é mais competitiva e é possível que a tão decantada *test anxiety* entre americanos seja um fenômeno mais marcante lá (se bem que entre adultos brasileiros foi encontrada, Biaggio, Natalício e Spielberger, 1976). Se isto for verdadeiro, precisamos buscar outros critérios de validação do teste.

Seria isto uma indicação de baixa validade de construto do teste ou uma diferença cultural? Reexaminado o manual do teste original em inglês, verifica-

Tabela 8

Valores do Idate-C em situação de prova escolar e situação neutra

Colégio particular

		4.ª série (N = 27) Prova neutra		5.ª série (N = 27) Prova neutra		6.ª série (N = 27) Prova neutra	
Estado	$\bar{X}$	28,89	28,41	30,00	29,00	30,44	28,67
	DP	8,1	7,9	4,06	6,16	7,06	3,96
	t	0,50 *NS*		0,78 *NS*		1,11	
Traço	$\bar{X}$	35,05	34,74	35,93	34,63	37,15	35,33
	DP	6,25	7,42	5,36	5,96	4,13	4,73
	t	0,42 *NS*		1,38 *NS*		2,56 ($p < .05$)	

Colégio público

		4.ª série (N = 21) Prova neutra		6.ª série (N = 33) Prova neutra	
Estado	$\bar{X}$	31,09	31,76	36,39	36,03
	DP	7,58	7,04	6,25	7,42
	t	negativo		0,2142	
Traço	$\bar{X}$	40,43	41,81	40,45	38,82
	DP	8,30	6,89	8,10	7,9
	t	negativo		1,92	$p < 0,05$

mos que Spielberger obtém este efeito simplesmente com as instruções do tipo: Responda como você se sentiria antes de fazer uma prova na escola. A princípio pareceu-nos mais válido e realista medir a ansiedade da criança na situação real *antes de uma prova* do que na situação fictícia, por isto não seguimos o procedimento de Spielberger. Diante dos resultados obtidos, porém, levantamos a hipótese de que o *como se* levasse a respostas mais ansiosas do que a situação real. Sabemos que muitas vezes tememos uma situação, mas na hora de enfrentá-la reunimos coragem. Por isso, aplicamos o teste uma terceira vez, em uma das turmas que tinha feito o teste antes da prova e em situação neutra, cujos resultados apareceram já no relatório anterior. Fazendo o Idate-C com as instruções *como você se sentiria se fosse agora fazer uma prova*, encontramos também resultados não significantemente diferentes da situação neutra. Os dados aparecem na tabela 9.

Chegamos então à conclusão de que é possível que novos métodos de ensino, que enfatizam pouco o terror de prova, bem como fatores da cultura brasileira, façam com que nossas crianças não sejam sujeitas a medo de provas escolares tanto quanto as das amostras norte-americanas testadas. É fato que a situação escolar no Brasil é menos competitiva do que nos EUA.

Tabela 9

Resultados na escala de estado do Idate-C

Situação neutra			Situação *como se*
$\bar{X}$	=	31,77	32,16
DP	=	6,42	7,64
		$T = 0,07$ (*NS*)	

Outro estudo para verificação de validade de construto da escala de estado revelou dados mais favoráveis: 31 crianças foram submetidas ao Idate-C na sala de espera de dentista. Foram quatro os dentistas.

Vemos que das 31 crianças, 20 apresentaram percentil 50 ou maior na escala de estado, indicando ansiedade maior do que a mediana das crianças, quando fazem o teste em condições neutras. Dezenove apresentam escores acima do percentil 50 também na escala de traço, o que não é surpreendente, uma vez que as duas escalas são correlacionadas. Assim mesmo é de interesse notar que dessas 19 crianças 12 são as mesmas que apresentaram resultados altos na escala de *estado*.

A média da escala de estado foi 34,38 o que em termos de *normas* corresponde aos percentis 83, 83, 78, 67, 81 e 69 para meninos e meninas da 4.ª, 5.ª e 6.ª séries, respectivamente. Todos esses valores indicam alta ansiedade situacional.

Ao contrário, na escala de traço, a média 36,74 corresponde aos percentis 52, 45, 48, 41, 58 e 43 para meninos e meninas da 4.ª, 5.ª e 6.ª séries, respectivamente, todos valores em torno da mediana.

Notou-se também grande variabilidade, não só entre as crianças como entre os dentistas, sendo que todos os clientes do dentista n.º 3 obtiveram percentis entre 89 e 99, enquanto para os outros dentistas os valores foram mais baixos.

É possível que alguns dos dentistas selecionados por concordar com a pesquisa e por afirmar terem clientela grande de crianças, justamente a tenham por "terem jeito com crianças", diminuindo assim o nível de ansiedade esperado, o que não teria ocorrido com o dentista n.º 3.

Uma análise da variância, seguida por comparação aos pares (pelo método de Schaffé), revelou diferenças apenas entre o dentista n.º 3 e os outros ($F = 5,48$, $p < .01$).

Acreditamos, portanto, que este estudo, apesar da variabilidade encontrada, apóia a validade de construto da escala de estado.

5.3 *Validade de critério simultâneo – Avaliação por professores*

Dezenove crianças, sendo 15 meninos e quatro meninas foram avaliadas no Idate-C, em grupo, e foram avaliadas pelas professoras de turma. As crianças foram da 4.ª série, pois na 5.ª e 6.ª séries há um professor por matéria e estes não conhecem bem os alunos: o resultado de r foi 0,61 ($p < .01$), indicando uma boa correlação

entre a escala de traço e a avaliação da professora. Apesar das limitações das avaliações de professoras, consideramos este dado como bastante positivo para a validade da escala de traço.

Para a validade simultânea das escalas, também foi feita a aplicação individual em 19 crianças (15 meninos e quatro meninas), enquanto a examinadora anotava sinais comportamentais de ansiedade durante a aplicação da escala de estado e a da escala de traço. As correlações obtidas foram de 0,23 (estado) e 0,16 (traço), ambas não significantes. Considerando-se porém as flutuações e o tamanho pequeno da amostra, estes valores pelo menos sendo positivos e não tão baixos dão alguma indicação da validade do teste.

Normas para o teste foram obtidas com 842 crianças, de ambos os sexos, cursando a 4.ª, a 5.ª e a 6.ª séries de escolas públicas e particulares de vários bairros do Rio de Janeiro.

Tabela 10

Médias e desvios padrões da amostra normativa

4.ª série

	Estado		Traço	
	Meninos	Meninas	Meninos	Meninas
$\bar{X}$ =	30,35	29,41	39,39	34,70
=	5,00	4,54	5,35	6,67
N =	142	155	142	155

5.ª série

	Estado		Traço	
	Meninos	Meninas	Meninos	Meninas
$\bar{X}$ =	30,50	29,85	44, 86	40,44
=	5,01	5,63	8,39	9,80
N =	150	150	150	133

6.ª série

	Estado		Traço	
	Meninos	Meninas	Meninos	Meninas
$\bar{X}$ =	33,89	37,04	40,84	38,81
=	5,43	4,41	6,44	6,86
N =	132	130	132	130

As normas são apresentadas em forma de percentil e de escore-padrão *T* de McCall (média = 50 e desvios padrões = 10). A tabela 10 apresenta as médias e desvios padrões da amostra normativa.

6. Conclusões

Concluímos que os estudos de adaptação à língua portuguesa – fidedignidade, validade e padronização –, levados a efeito até agora, tornam o teste adequado para uso em nossa população, onde há carência de instrumentos de medida.

Fazemos a ressalva de que os dados de validade, especialmente da escala de estado, são inferiores aos obtidos para a escala de adultos (Biaggio, Natalício & Spielberger, 1977), mas é possível que crianças sejam mais passíveis de flutuações, dificultando a construção da escala.

Summary

After completing the development of the Portuguese version of Spielberger's state trait anxiety inventory (adult form), the adaptation of the children's form of this test was undertaken.

The same steps as with the adult form were followed, i.e., checking the translation by testing of bilingual children; item-remainder and KR 20 indices of internal consistency reliability; test-retest, for temporal stability. Validity was checked by means of correlations with teacher and examiners' ratings (criterion) and contrasting neutral and anxiety situations scores (construct). These were school exams and dentists' waiting room situations.

In general, reliability and validity data are not as high as those obtained with the adult form, but are considered adequate. Standardization was conducted with a sample of 842 fourth, fifth, and sixth grade boys and girls in Rio de Janeiro.

Bibliografia

Anastasi, Anne. *Testes psicológicos*. São Paulo, EPU, 1977.

Biaggio, A. & Natalício, L. Development of the experimental Portuguese form of the State-Trait Anxiety Inventory. Trabalho apresentado ao Congresso Interamericano de Psicologia, Bogotá, Colômbia, dezembro de 1974.

_____;_____ & Spielberger, C.D. Development of the experimental Portuguese form of the State-Trait Anxiety Inventory. In: Cross-cultural anxiety. Spielberger C. D. & Diaz-Guerrero, R. 4 eds. Hemisphere Publishing, 1976.

_____;_____ & _____. Desenvolvimento da forma experimental em português do Inventário de Ansiedade de Estado-Traço. *Revista Brasileira de Psicologia Aplicada, 29*: 31-44, 1977.

_____; _____ & _____. Manual do Inventário de Ansiedade Traço-Estado (Idate). *Centro Editor de Psicologia Aplicada*, Rio de Janeiro, 1977.

Spielberger, C. D. ed. *Anxiety-Current trends in theory and research*. New York, Academic Press, 1972.

_____; Gorsuch, R. L. & Lushene, R. E. *Manual for the STAI* (Self-evaluation questionnaire), Palo Alto, Calif., Consulting Psychologists Press, 1970.

_____; Edwards, C. D.; Lushene, R. E.; Montuori, J. & Platsek, D. *Preliminary manual for the STAI for children* (How I feel questionnaire). Palo Alto, Calif. Consulting Psychologists Press, 1973.



Veja e compre nas livrarias da FGV: Rio - Pr. de Botafogo, 188 e Av. Graça Aranha, 26 - lojas C e H; São Paulo - Av. Nove de Julho, 2029; Brasília - CLS. 104, Bloco A, loja 37.

228 pág.